



A invasão dos gringos Por que tantos artistas de fora batem ponto no Brasil hoje 19/05/14 às 14:57 - Por Ícaro Ripari

Fonte: A invasão dos gringos <http://www.playtv.com.br/musica/artigo/especial/a-invasao-dos-gringos>



A invasão dos gringos Por que tantos artistas de fora batem ponto no Brasil hoje 19/05/14 às 14:57 - Por Ícaro Ripari Você já parou para analisar o que tem acontecido no cenário de shows do Brasil nos últimos anos? Lollapalooza em 2012, 2013 e 2014, Rock In Rio voltando para cá depois de dez anos com as edições de 2011 e 2013 (sendo que já foi confirmada a de 2015), Monsters Of Rock no ano passado em São Paulo depois de quinze anos longe. Isso sem levar em consideração a vasta lista de shows solos em anos consecutivos de nomes como Iron Maiden, Metallica, The Offspring, Red Hot Chilli Peppers e muitos outros que marcaram presença nos festivais e em shows extras.

Mas qual a razão para o Brasil passar a ser destino quase que certo nos itinerários desses artistas? Vale dizer que bandas como Aerosmith e Guns N'Roses (para citar apenas estes dos vários exemplos) ficaram anos sem dar as caras por aqui e depois que voltaram não pararam mais de vir. Afinal, tem a ver com os investimentos dos patrocinadores? Ou seria a procura massiva dos fãs? De certa forma, tudo tem ligação e favorece a preferência pelo mercado brasileiro.

*“Hoje em dia, poucas pessoas são extremamente criteriosas. O público antigamente era muito mais segmentado. Então, atualmente os shows pop no Brasil se tornaram ponto de encontro de diferentes nichos que vão para se divertir”. É o que afirma o produtor musical e apresentador do programa Vitrola Verde César Gavin, que acompanhou de perto essa inflação do mercado de shows desde os anos 1980.*

Ele afirma que festivais como Rock In Rio (com shows históricos de Queen, Iron Maiden, Ozzy Osbourne e outros) e Hollywood Rock (presença de bandas como Alice In Chains e Nirvana) ajudaram muito nessa proposta. *“Tudo isso era novidade, mas foi ganhando força, pois o nicho de mercado na América do Sul – principalmente Argentina e Brasil – começou a se interessar e crescer rapidamente. Isso provocou uma atenção inevitável nas gravadoras e nos organizadores, que enxergavam um potencial de venda muito grande”.*

A massiva procura por ingressos é refletida também nas palavras dos empresários Bruno Henrique Motta e Kauê Gusmão Bueno, ambos roqueiros fervorosos de 26 anos que frequentaram eventos do segmento entre os anos 2000 e 2010. Na visão deles, a globalização é fator-chave pelo boom da indústria de shows.

*“Acho que com a globalização nos segmentos de música, cinema, videogame, carro, dentre outros, todos viram que o Brasil realmente tem público e potencial de consumo. Nós temos público para tudo”, pontua Bruno. “Só que a nossa cultura sempre foi voltada para o fato de que o internacional é melhor. Sempre foi assim. Com certeza há um vislumbre com a cultura que vem de fora. É fato que o rock brasileiro, por exemplo, tem um público consideravelmente menor do que o estrangeiro”.*

Kauê vai mais longe e menciona suas próprias experiências para comprovar a veneração pelos gringos. *“Os públicos brasileiro e sul-americano são fantásticos! Até por conta de não termos sempre estes artistas de fora aqui, a curtição é surreal. Estava no último show do Avenged Sevenfold em São Paulo e, logo na segunda música, o Matt Shadows (vocalista) olhou para o público e disse: 'Brasileiros: os mesmos malucos de sempre!’”, conta, mencionando que estes shows entrarão em um DVD da banda e, em um determinado momento, o vocalista disse que o Brasil jamais poderia faltar nesse registro. Para Kauê, o público brasileiro é fanático e isso é refletido em todos os estilos: rock, pop, etc.*

Curiosamente, esse boom do mercado internacional se intensificou no já longínquo impacto causado pelo rock nacional dos anos 1980. Bandas como Barão Vermelho, Titãs, Kid Abelha, Paralamas do Sucesso e Ultraje A Rigor deram continuidade ao consumo de anos anteriores do mercado estrangeiro e mostraram que o público brasileiro tinha força para consumir ainda mais o que o cenário fonográfico poderia oferecer.

Isso favoreceu a vinda massiva dos artistas internacionais, que vislumbraram a oportunidade e aproveitaram também para pegar uma “fatia do bolo” ainda maior do que já pegavam. Hoje, o mercado continua em crescimento e movimenta milhões, o que motiva cada vez mais a intensa procura por um lugar na agenda do país. No entanto, um dos motivos que mais chama

a atenção é a fidelidade e o reconhecimento do público brasileiro, que se desdobra e investe sem hesitação para ver de perto seus ídolos. E mais de uma vez!



Dentre os shows que Gavin mencionou, destacam-se o Rock In Rio de 1985 (à direita, o Queen de Fred Mercury) e Van Halen em 1983 no ginásio do Ibirapuera

*“Eu ia a vários shows e tenho todos os ingressos guardados. Em 1983, fui ao do Van Halen e ao do Kiss no Morumbi”, afirma Gavin. Vale lembrar que o Kiss fez uma apresentação histórica no Maracanã que até hoje é celebrada pelos fãs e pelos próprios integrantes da banda como o maior recorde de público do grupo. “Tinha 13 anos nessa época. Lembro também de outros shows, como o do Motorhead em 1989 no ginásio do Ibirapuera e de todos os do Ramones. Tinha que se matar para estar lá em eventos como esses, porque era inacreditável ver aqueles caras ali. Algum tempo depois, vieram Michael Jackson e Madonna no mesmo ano! Isso para o público brasileiro era algo surreal”, completa.*

Por presenciar um cenário mais recente, Kauê compartilha do pensamento de que o público se renova e que os artistas mantêm uma longevidade, o que os auxilia a cativar os fãs. O relato dele descreve a distinção do público que frequenta os shows gringos no Brasil e ainda relaciona o boom da indústria com outro fator essencial: a economia. “Não dá para negar que o poder aquisitivo hoje do brasileiro, que é muito maior, influencia muito, é fundamental. O ingresso é mais caro, mas ele compra, tem condição para isso. Aliado a essa questão, há o fato de que as bandas antigas e tradicionais como o Metallica mantêm seus trabalhos e seu público fiel”.

Ele frisa ainda que a valorização dos músicos tem relação muito estreita com os idealizadores dos eventos, o que influencia diretamente na escolha pelo país. “Uma coisa que conta demais para os artistas de fora virem para cá é que, quando eles pensam nos lugares que vão passar com suas turnês, o Brasil com certeza entra pois paga muito bem. Isso se deve também por

conta dos vários patrocinadores e pela negociação com os organizadores, que sabem que vão ganhar muito em cima desses eventos.”

Por sua vez, Bruno discorre sobre suas experiências e constata esse intenso envolvimento dos artistas estrangeiros com o público. Ele menciona ter ido à apresentação do Rage Against The Machine no SWU de 2010 e conta o quão eufórico estava ao prestigiar o som da banda. “A sensação de estar no show do Rage Against foi monstruosa! Eu nunca imaginei que lotaria aquilo lá do jeito que foi! Era um festival, mas eu pensei: 'Caramba, tudo isso gosta de Rage Against?!' E você via todo mundo cantando, pulando... Os caras da banda pediam para o público invadir e não deu outra: o público em peso invadiu”, explica Bruno, fazendo referência ao momento em que a transmissão ao vivo foi encerrada pois o público adentrou as cabines de transmissão. Ele também conta que compareceu aos shows do Bad Religion e Pennywise há alguns anos. Segundo seu relato, esses dois últimos ocorreram em uma época com menos reconhecimento e fervor do que acontece agora, com o estilo sendo menos difundido junto ao público.



O show do Rage Against The Machine no SWU de 2010 mencionado por Bruno Henrique Motta. À esquerda, um dos vários shows do Avenged Sevenfold no Brasil em 2014 que contou com a presença de Kauê Bueno.

É importante salientar que o mercado inflado é notoriamente voltado para os grandes espetáculos de nomes internacionalmente conhecidos, principalmente, dos gêneros pop e do rock. Somente no mês de maio, o Brasil recebeu o show solo de Eddie Vedder, a banda teen One Direction e ainda tem na agenda o new rock do Fall Out Boy e os escoceses do The Jesus and Mary Chain. O calendário de shows não para por aí: nomes como Tarja Turunen (ex-Nightwish), Queens Of The Stone Age e 30 Seconds to Mars já estão confirmados para o segundo semestre de 2014.

A visão de Bruno quanto às pessoas que aderem a ideia do boom da indústria é agressiva. “A moda influencia muita coisa. Você joga uma informação, o público abraça e nem sabe o que

está acontecendo. Outro dia vi a reportagem de uma menina num show vestindo uma camiseta do Ramones dizendo ser fã, mas não sabia falar nenhuma música dos caras", conta, acrescentando que os estilos perderam suas essências e que tudo é voltado apenas para o dinheiro.

É difícil prever até onde pode ir o poder desse consumo e da indústria de shows no Brasil, como explica de forma também crítica César Gavin: *"Tudo mudou: tecnologia, TV... Hoje em dia não se compra mais discos. O acesso à música é muito mais fácil e isso favorece esse mercado. Até por sermos ainda um país de 3º mundo, o consumo internacional é extremamente grande, a ponto de bandas nacionais sequer receberem para tocar em festivais. A desvalorização da cultura nacional sempre foi muito grande"*.

Kauê concorda, mas reconhece que a carência do público motiva essa adoração pelo que vem de fora: "O público tem necessidade. Por exemplo: eu sou metaleiro, gosto de heavy metal. Quem eu vou assistir aqui? Aí quando vem esses caras, eu vou louco comprar. Primeiro porque não sei quando vou conseguir vê-los novamente, como aconteceu com o System e o Rage Against The Machine". A comparação se estende para outros estilos: "No mercado pop, os shows da Beyonce e da Rihanna, por exemplo, são superproduções, espetáculos. Aí quando você vai comparar com o que tem aqui, você vai pensar em quem? Anitta, que é o ícone pop atualmente? Não dá." E quando é indagado se estará novamente nos shows gringos, ele não titubeia: "Fui aos shows do Rage Against The Machine, System of a Down, Red Hot Chili Peppers, Avenged Sevenfold e todos do Metallica. Iria em todos eles novamente. Mas outros eu preciso ir se vierem mais uma vez, como o Iron. E se o Metallica vier daqui vinte anos, faço questão de ir de novo. Se eu tiver condições de pagar, vou com o maior prazer. O som deles é fantástico!"

Fica muito evidente que, apesar do fanatismo escancarado dos brasileiros, muito do que ocorreu nesses quase trinta anos de oscilação da indústria influenciou diretamente as atuais condições. Desde a evolução tecnológica, passando pela mudança de estilos, consumo e situação econômica, é possível afirmar que o Brasil é um foco nítido de lucro para o mercado, desde o fonográfico até o de shows e espetáculos. Aliás, não poderia ser diferente. Com tamanha exposição de artistas e potencial de venda, dificilmente o país não seria visto com bons olhos pelos gringos. Independente da preferência pelo nacional ou internacional, é fato que o mercado brasileiro está visado e a tendência é que isso só aumente. Ao que tudo indica, para a felicidade de grande parte do público, ainda vamos ver muitos gringos por terras tupiniquins nos próximos anos.



Autor do especial Ícaro Ripari Prazer, esse é o eclético. Vai de jazz a heavy metal passando por música latina em um estalar de dedos. Fascinado pela boa e velha rodinha de violão, daquelas que rendem cantorias desafinadas e nostálgicas e fazem o dia render. Ama música tanto quanto cinema, esportes e coisa nova. Ou seja, uma verdadeira confusão de gostos e costumes pra versátil nenhum botar defeito.

Fonte: A invasão dos gringos <http://www.playtv.com.br/musica/artigo/especial/a-invasao-dos-gringos>